Revista Macambira

Putas mães e filhas da puta: conversações sobre afetos, cuidado e educação

Fernanda Priscila Alves da Silva[1]*

RESUMO

A proposta deste artigo consiste em compartilhar dados de um estudo desenvolvido com mulheres trabalhadoras sexuais sobre suas práticas e dinâmicas de socialização, formação, cuidado e educação dos seus filhos e filhas. O referencial teórico se circunscreve ao campo de estudos em educação e dialoga com referenciais teóricos da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia. A pesquisa realizou-se por meio de visitas a locais onde as trabalhadoras sexuais exercem seu trabalho, unidades familiares e rua. As técnicas foram entrevistas, histórias de vida, histórias de família, contatos com as famílias observação e construção etnográfica. Os resultados apontaram que as famílias das trabalhadoras sexuais, as famílias de Putas, não se diferenciam em termos de organização dos outros modelos de famílias. Entretanto, a convivência com mães trabalhadoras sexuais constrói sujeitos com olhares diversificados e abertos às questões apresentadas pelo Movimento de Trabalhadoras Sexuais. Por outro lado, o processo de organização e colaboração das trabalhadoras sexuais preconiza uma forma de cuidado pautada na solidariedade, rede que se apoia e organização coletiva no processo de socialização e educação dos filhos e filhas: a roda colaborativa é uma expressão de como as redes de afeto contribuem no "corre" das mães que também são Putas.

Palavras-chave: Maternidade. Filhos de puta. Trabalho Sexual. Famílias.

Whore mothers and daughters of bitches: conversations about affection, care and education

ABSTRACT

This article is to share data from a study carried out with female sex workers about their practices and dynamics of socialization, training, care and education of their sons and daughters. The theoretical framework is rooted in the field of educational studies and engages in dialogues with theoretical frameworks from Sociology, Anthropology, and Psychology. The research was carried out through visits to places where sex workers carry out their work, family units and the street. The techniques used included interviews, life stories, family stories, contact with families, observation, and ethnographic construction. The results showed that the families of those sex workers, the families of Bitches, do not differ in terms of organization from other family models. However, growing up with sex worker mothers builds individuals with diverse views and openness to the issues presented by the Sex Workers' Movement. On the other hand, the organizational and collaborative processes of sex workers advocates a form of care based on solidarity, a network that supports each other and collective organization in the process of socialization and education of sons and daughters: the collaborative circle is an expression of how networks of affection contribute to the "run" of mothers who are also Whores.

Keywords: Maternity. Children of bitches. Sex Work. Families.

Madres putas e hijas de puta: conversaciones sobre cariño, cuidado y educación

RESUMEN

El propósito de este artículo es compartir datos de un estudio realizado con trabajadoras sexuales sobre sus prácticas y dinámicas de socialización, formación, cuidado y educación de sus hijos e hijas. El marco teórico se circunscribe al campo de los estudios en educación y dialoga con marcos teóricos de la Sociología, la Antropología y la Psicología. La investigación se realizó a través de visitas a lugares donde las trabajadoras sexuales realizan su trabajo, unidades familiares y la calle. Las técnicas fueron entrevistas, relatos de vida, relatos familiares, contacto con familias, observación y construcción etnográfica. Los resultados mostraron que las familias de trabajadoras sexuales, las familias de Putas, no se diferencian en términos de organización de otros modelos familiares. Sin embargo, vivir con madres

[1] Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEDUC/UNEB). Docente no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Parintins, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3795-3916. Lattes: http://lattes.cnpq.br/8974793810131720. E-mail: feracatejo2@gmail.com.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

trabajadoras sexuales forma personas con puntos de vista diversos y abiertos a los problemas presentados por el Movimiento de Trabajadoras Sexuales. Por otro lado, el proceso de organización y colaboración de las trabajadoras sexuales propugna una forma de cuidado basada en la solidaridad, una red de apoyo mutuo y una organización colectiva en el proceso de socialización y educación de hijos e hijas: el círculo colaborativo es una expresión de cómo las redes de afecto contribuyen a la "corrida" de madres que también son Putas.
Palabras clave: Maternidad. Hijos de puta. Trabajo sexual. Familias.

INTRODUÇÃO

Aproximar das narrativas e histórias contadas por trabalhadoras sexuais: mãe e filhas. Achegar bem devagar com cuidado e respeito. O convite neste texto, fruto de diversos encontros com mulheres trabalhadoras sexuais, reverbera, para além de uma pesquisa de doutoramento, as facetas e possibilidades de se refletir sobre o afeto e o amor. Neste caso, gostaria de compartilhar os resultados da pesquisa de Doutorado em Educação (Silva, 2021) desenvolvida, no período de 2017-2021, buscarei também, e certamente este é o ponto mais importante, falar das vivências e experiências que tem sido possíveis a partir do encontro com o Movimento de Trabalhadoras Sexuais.

Durante alguns longos anos tenho tido a oportunidade de conhecer e compartilhar com as Trabalhadoras Sexuais as lutas nossas de cada dia, as lutas de mulheres diversas, as lutas necessárias diante de uma sociedade machista, homofóbica, sexista, racista classista. Diversos têm sido os enfrentamentos que os chamados grupos de "minorias" têm pautado e resistido ao longo de muitos e muitos anos questionando os processos de violações, silenciamentos e invisibilidades de seus corpos, vozes, desejos, saberes e cultura. A aproximação da realidade das trabalhadoras na trajetória desta puta pesquisadora tem se dado a partir de movimentos afetivos e transformadores. Durante anos, primeiro como educadora popular, depois como pesquisadora e ativista e hoje como companheira de luta das trabalhadoras sexuais tem me permitido conhecer este complexo mundo da prostituição e para além dele as existências que circulam cotidianamente.

Em 2017, os resultados de uma pesquisa que culminou numa dissertação de mestrado (Silva, 2017), e posteriormente no livro Mulheres da Batalha, trouxeram uma série de experiências, análises, impressões e emoções acerca da vida cotidiana de mulheres da e na *batalha.*. Esta categoria de análise emergiu do campo e é entendida como a prática social da prostituição que envolve para além da realização do programa (relações sexuais e fantasias), as relações e interações no espaço – lugar da prostituição, relações que envolvem as mulheres entre si, entre os clientes, com os transeuntes e demais atores do cenário. Trata-se de um termo elaborado e reconhecido pelas mulheres como altamente significante. Dessa dissertação nasceu a tese, que retomou o mesmo contexto e, genericamente, o mesmo tema: a realidade de mulheres prostitutas em Salvador, capital do estado da Bahia, Brasil. O foco mais precisamente era o diálogo, a partir das vivências e experiências de

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

mães e filhas/os que se encontram em interação e relação com os contextos de prostituição, sobre como constroem, educam e socializam suas famílias, nestes contextos. Dessa maneira, buscou-se compreender de que modo são construídos os processos de socialização e educação dos filhos e filhas de trabalhadoras sexuais/prostitutas. Para isto, entrevistei prostitutas, seus filhos e "segui" histórias de família.

O "tempo" de realização da pesquisa se deu entre 2017 e 2020, considerando o percurso de elaboração, aproximação e "conhecimento" da experiência cotidiana destas mulheres. O trabalho de campo, entretanto, teve início no segundo semestre de 2017, quando realizei as observações/entrevistas em Salvador (Praça da Sé ou na Associação das Prostitutas da Bahia). Foram entrevistadas seis trabalhadoras sexuais e cinco de seus filhas/os adultos. Também tive contato mais direto com três adolescentes que se encontravam presentes em alguns momentos das interações; realizei seis histórias de família, além da participação nas reuniões, encontros, congressos, eventos do Movimento de prostitutas, visitas às famílias e acompanhamento das lideranças do Movimento.

Durante a pesquisa encontrei mulheres aguerridas, em luta, resistência, dinamizando suas vidas das mais variadas formas possíveis. Seus corpos traziam (e trazem) marcas que sempre me impressionaram, suas falas e silêncios têm provocado um processo desconcertante e inquietador. Uma fala de Olivar (2010), descrita em sua tese de doutoramento: "*Guerras, trânsitos e apropriações políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre*" tem me acompanhado ao longo dos anos de pesquisa e encontro com as trabalhadoras sexuais. Ele afirma: "Para além do trabalho comércio, a prostituição teria que ser entendida também como corpo de experiência... *espaço privilegiado de existência*" (p.28, grifo meu).

Muitas vezes, nós, pesquisadores/as do tema, nos deparamos com olhares que ora vitimizam, ora estigmatizam as mulheres da *batalha*. Também no campo do trabalho social estes olhares são permanentes. Entretanto, tenho encontrado e percebido, concordando com Olivar (2010), a *batalha* e/ou a prostituição (sendo um lugar de muitas relações e interações) é lócus de existência, diria até que um lócus de existências, pois, em seu existir singular cada mulher da *batalha* é atravessada por diversas existências outras. Foi com estas outras existências que muitas vezes nos encontros pude compreender melhor as mulheres, seus dramas e tramas.

METODOLOGIA: caminhos percorridos

Em termos epistemológicos e metodológicos, a pesquisa partiu de uma postura interdisciplinar e feminista, amparada numa perspectiva etnográfica, com acompanhamento e

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

permanência no campo entre as interlocutoras. A fim de analisar os desafios familiares enfrentados por prostitutas, utilizamos ainda, como instrumento metodológico, as histórias de família[2], a partir da perspectiva de Cabral e Lima (2005). Do ponto de vista metodológico temos, então, as histórias de família e a etnografia e como modelo de análise adotamos a etnografia, as teorias feministas e os estudos de gênero. Trata-se de um estudo cujo objeto é o cuidado, as tramas educativas e o a socialização que são narradas a partir das autobiografias e histórias destas famílias.

Diante da diversidade de estudos sobre a prostituição verifica-se uma lacuna no que tange a compreensão deste fenômeno social a partir do campo da educação. Muitos dos trabalhos realizados estão atrelados às estratégias educativas com mulheres que exercem a prostituição desde a prática de instituições que desenvolvem ações com este público, como por exemplo, saberes relacionados ao campo da saúde, à exploração sexual de crianças e adolescentes, tráfico de pessoas e violações de direitos. Dentre os trabalhos realizados, destacamos a pesquisa de Sousa (2012) por pesquisar os saberes das mulheres no contexto da prostituição, saberes construídos entre mulheres e clientes neste cenário.

Na perspectiva de Piscitelli (2005), a prostituição envolve uma diversidade de trabalhos sexuais, assim, as definições e correntes que têm buscado conceituá-la têm contribuído pouco para pensar os diversos tipos de relações e inserção que a compõem. Existe, portanto, um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que perpassado pela mercantilização, não necessariamente assume a "forma de contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro" (Piscitelli, 2005, p.8).

O grupo pesquisado é composto de mulheres de baixa renda, em exercício de prostituição, prevalecendo idade a partir dos 35 anos, além de um conjunto mais amplo de pessoas que compõe o grupo dos familiares, rede de apoio, cuidado das crianças, socialização e educação dos filhos e filhas. As trabalhadoras sexuais entrevistadas neste estudo são, em sua maioria, autodeclaradas negras, de famílias de camadas populares. A pesquisa realizou-se por meio de visitas a locais onde as mulheres da *batalha* se encontram: praça, rua, bares, unidades domiciliares com o objetivo de conhecer as redes de relações e apoio onde elas exercem o cuidado como forma de educação e socialização de seus filhos e filhas. Foi realizada uma aproximação das interlocutoras da pesquisa, sendo elas, ora as próprias trabalhadoras sexuais, ora alguns filhos adultos que aceitaram participar da pesquisa. As técnicas foram entrevistas, histórias de vida, histórias de família, contatos com as famílias e mais outras técnicas como, por exemplo, a observação e construção etnográfica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[2] As "histórias de família" é uma metodologia de contextualização social de pessoas que habitam e convivem em Centros urbanos.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

Putas mães e filhas da puta: Conversações sobre afetos, cuidado e educação este é o título deste artigo e a partir dele pretende-se compartilhar algumas inquietações, falas e encontros tecidos neste processo da pesquisa, e para além desta, nestes encontros da vida. Desse modo, o artigo será construído a partir de algumas cenas afetivas. Nestas cenas, busco compartilhar o afeto e o amor que tenho encontrado junto das trabalhadoras sexuais.

Trago as tessituras e algumas memórias do caminho percorrido ao longo de anos de trabalho e ativismo junto das trabalhadoras sexuais. Recordo alguns momentos de encontro com algumas destas mulheres e algumas cenas que evidenciam o afeto captado durante o desenvolvimento da pesquisa.

Primeira Cena: Aproximações, olhares e cheiros de vida

O dia e a hora especificamente não sei precisar. O momento, no entanto, está gravado em minha memória: era tarde nublada em Belo Horizonte, Minas Gerais. Fui juntamente com uma pessoa que me é muito cara visitar as mulheres na Guaicurus. Tinha 19 anos e começava a descobrir o mundo. Subimos as escadas. O movimento era intenso. Muitos homens. Uma procura incessante. Rapidamente. Subindo e descendo. Lá em cima, os quartos e neles as mulheres. Em cada porta uma delas. Em cada canto um olhar. Som alto. Cheiro forte e intenso. Trocamos olhares. Sem muitas palavras. Tudo aquilo de certa maneira, me envolveu profundamente. Não me recordo dos homens. Hoje, penso que talvez fosse uma defesa. Alguns me olhavam. No entanto, os olhares que me cativaram foram daquelas mulheres. Algumas sorriram, outras fecharam as portas. Nosso objetivo ali era falar de prevenção, entregar preservativos e quem sabe conversar.

Quando enfim, conseguimos iniciar um diálogo com uma das mulheres, fui puxada por um visitante. Ela rapidamente segurou o meu braço. O homem se afastou. Fiquei paralisada. Tudo foi muito rápido. Ela me fitou e seguiu olhando até que descêssemos as escadas. Pude olhar para traz e lá estava ela me acompanhando. A encontrei em outras visitas. Até que um dia nos sentamos à sua cama. Isto era sem dúvida sinal de intimidade e proximidade. Naquela tarde, porém, quando desci as escadas, fiquei tonta e cambaleando. Vomitei. Mal sabia, mas ali começava uma longa jornada de desconstrução sobre o que eu poderia pensar sobre aquelas mulheres, sobre o que acabara de ver. E hoje, sei, ali começava uma longa jornada de encontro e afeto, que só tem sido possível quando me permito romper meus próprios preconceitos e moralidades.

Segunda Cena: Na terra de Todos os Santos

Em Salvador encontrei morada, estabeleci laços e firmei os passos. A Praça da Sé, a força feminina das mulheres, as buscas, a distância de casa, dos meus e das minhas junto do desejo de

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

tecer meus próprios caminhos em comunhão com e outras mulheres tem me feito ser inquieta, mulher a caminho e em movimento. Minha filha e meu filho são filhos desta terra e me orgulho de poder afirmar que meu coração descansa ali naquele chão, assim como se engradece e luta.

As ladeiras desta terra, as cores e a ousadia também vieram acompanhadas de algumas experiências que me colocaram diante de dores nunca vividas. Encontrei, aqui, a Rosa que estava perdida em meus caminhos e o sentido sobre o porquê tem sido tão importante em minha vida estar junto de outras mulheres lutando por um mundo que nos veja e nos respeite.

Era uma manhã de reunião da equipe quando uma das mulheres nos chama: "*por favor, venham aqui, a carioca foi morta*". Carioca era uma das mulheres que batalhava na Praça da Sé. Ela havia sido morta por um cliente em um dos hotéis no Centro Histórico e aquela mulher que nos chamava dizia que precisávamos saber onde ela estava. Fomos ao Instituto Médico Legal (IML) para reconhecer o corpo e a mim coube entrar e visualizar o corpo daquela mulher que era radiante e feliz. Ela adentrava o projeto sempre cantando e brincando. Diante do corpo de Carioca naquele dia, naquele espaço frio, chorei. Chorei uma dor nunca sentida.

Carioca ia ser enterrada como indigente, mas conseguimos impedir tal situação. Não havia contatos de parentes do Rio de Janeiro, apenas a filha que também morava em Salvador. Junto de outra colega vestimos seu corpo, colocamos flores e carregamos seu caixão. Quando enfim, a sepultamos, choveu! E de novo chorei. À noite e por alguns dias foi difícil dormir: oscilava a imagem da mulher feliz, a imagem das marcas das facadas que pude ver no IML e o corpo envolto de flores. Por muitas noites, chorei.

O amor por vezes dói. As violências por vezes decepam a possibilidade de vidas e de vivências onde o amor e os encontros possam ser dançados. O corpo de Carioca caiu! E junto dele meu corpo esmoreceu. Vi e escutei outras companheiras verem seus corpos esmorecerem e este de dor às vezes, se não cuidamos sucumbe e nos dilacera. Felizmente, tive ao lado quem pôde me ajudar a não sucumbir. Felizmente, aquele pranto me ensinou que não podia parar. Pela vida de Carioca, resisto. Pela vida de Cariocas resistimos todas!!!

Terceira Cena: Resiliência, Transformação

Mulher e Negritude!

Manu e eu nos conhecemos desde que comecei a atuar do Projeto Força Feminina[3]. A narrativa de sua trajetória como mãe coloca-nos em um ponto de encontro entre a sua própria experiência como mãe, a memória e lembrança de sua mãe e o processo de cuidado de seus filhos.

[3] O Projeto Força Feminina é uma instituição social, de caráter pastoral, iniciativa do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor que tem por missão a promoção integral das mulheres em situação de prostituição, de maneira a colaborar no processo de conscientização e inserção cidadã. Disponível em: https://ffeminina.oblatassr.org/

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

Uma mulher negra firme e convicta, Manu, conta que teve no total seis filhos, sendo que duas faleceram. Hoje, vive com três dos filhos e uma quarta filha vive com uma amiga de sua mãe. Quando estava com a primeira filha em idade de 01 ano e 03 meses perdeu sua mãe, uma figura de importância fundamental em sua vida. Manu não conheceu o pai. Define sua família como sendo ela e seus filhos. Diz ter mais contato e proximidade com o avô materno e suas três irmãs, fora estes, sabe de dois irmãos, mas não tem convivência e alguns primos que são mais distantes. Saiu de casa aos 12 anos e mais ou menos aos 13 anos iniciou na batalha.

Conta que sua filha mais velha sabe de sua profissão, não se envergonha, pois, segundo Manu, é através da batalha que ela consegue sustentar os filhos. Entretanto, diz que sua "entrada na batalha" se deu pelo fato de aos 12 anos ter sido estuprada por 05 homens. Neste período saiu de casa e foi viver na rua, quando também começou a fazer o consumo de drogas. Sua narrativa é marcada por uma lucidez que assusta e encanta. O trabalho sexual é entendido por ela como algo digno, mas consegue também apontar e colocar "o dedo na ferida" ao falar sobre as violações vivenciadas por ela. Aos 12 anos, ela era uma menina, e neste momento, não era a "hora" de sair de casa. E como bem afirma Manu: "aquele tempo era de infância, eu era adolescente". Ela reconhece seus direitos e se apropriando deles constrói outras formas de cuidado e educação para seus filhos. Entende o cuidado como coisas básicas e cotidianas:

> Cuidado é você ter mais responsabilidade quando você tem um filho e saber dar educação e cuidar bem dos filhos. Cuidar pra mim é você acordar cedo, fazer o café para seus filhos, acordar de manhã e ver seu filho dizer: mamãe eu tô com fome e você já tá ali com tudo pronto pra ele tomar café, pra ele ir pra escola. Cuidar é lavar roupa, manter a roupinha sempre limpa, o cabelo penteadinho, é ter o cuidado de estar na escola, pra não pegar piolho... (Entrevista Manu, abril de 2019).

E cuidado é também pensar na educação, construir redes de apoio, apontar necessidades e sair à luta. Manu olha para sua trajetória e verifica como foram seus caminhos educativos, aponta ausências, violações e verifica quais são os direitos que hoje seus filhos devem ter: o direito à infância, a educação e ao brincar são alguns deles.

> Rapaz, minha educação não foi aquela educação, bem, aquela educação rígida, minha mãe era muito sofredora, a gente teve que estudar cedo, minha mãe saia pra trabalhar, a gente ficava trancada, eu não tive infância, ficava muito trancada dentro de casa. Só vivia trancada porque minha mãe trabalhava e não tinha com quem deixar a gente e eu só vivia trancada, eu não tinha infância não. Sofri muito, passei muita fome, eu não lembro de ter tido muita infância, eu não tinha nem brinquedo. Agora o que eu vivi na minha infância para os meus filhos está sendo ótimo, porque o que eu já passei eu não quero que os meus filhos passe. Agora é diferente. A diferença é que eles têm brinquedo. Pra mim eles têm infância porque eles brincam, eles têm direito de brincar, tem direito de estudar, tem direito de fazer o que eles quiser e antes eu não tinha esse direito. Era restrito esse direito de brincar, sair, ir ao parque, e já meus filhos eles fazem isso e eu não

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

> fazia isso. Porque pra mim foi muito sofredor pra mim (Entrevista Manu, abril de 2019).

Manu assume sozinha a responsabilidade e cuidado de seus filhos. Não tem companheiro que compartilhe com ela as tarefas e responsabilidades deste cuidado. Como sua mãe, enfrenta sozinha a maternidade. Ela trabalha e corre atrás do melhor para seus filhos. O direito e acesso à educação é, neste caso, algo reivindicado por Manu para seus filhos. Ela mesma manifesta em seu relato o desejo de voltar a estudar e conta "fazer de tudo" para que os filhos participem de projetos e "não percam aula", pois a educação "vai dar futuro" para eles. Manu afirma sua participação em todas as reuniões da escola, diz acompanhar as filhas e perguntar a professora sobre algumas situações, como por exemplo, uma em que percebeu que uma coleguinha estava discriminando sua filha. Manu foi à escola conversar com a professora para saber como deveria resolver a situação. Os diálogos com as filhas, de modo particular com a mais velha, de 12 anos são constantes. Nestes aparecem à afirmativa da importância da educação, sempre em memória e recordação com a sua própria experiência.

> Eu digo sempre a ela: minha filha, você tem que estudar. Estudar é fundamental. Você tem que ter o primeiro grau completo. Ai ela diz: não, minha mãe eu vou estudar. Eu pergunto: Você quer ser o que quando crescer e diz: eu quero ser advogada. Eu digo: pra você ser advogada, você vai ter que estudar muito, quebrar muito sua cabeça pra você ser uma boa advogada. Ela fala é minha mãe, eu vou estudar muito e eu vou te dar uma casa. Ela fala que quando estiver estudando vai me dar uma casa. Ai isso pra mim já é uma felicidade, ver a minha filha dizer que vai estudar pra me dar uma casa, uma coisa que eu não tive na infância foi casa pra morar. Morava assim. Tinha aqui e ai saia correndo porque tava desabando, ia pra casa de minha avó, minha avó brigava com minha mãe e saia todo mundo pra fora. Era uma agonia. E agora não. Agora é diferente. Eu falo sempre a ela: minha filha, vocês agora têm tudo, eu não tive nada disso que vocês têm. Eu não tive minha mãe perto de mim pra me dar carinho, pra me dar conselho, minha mãe saia segunda e só chegava na outra segunda. Ela trabalhava na casa de outras pessoas. Ai era tipo assim: ela trabalhava de dormir no trabalho e só chegava à outra semana. Ela ficava na casa de outras pessoas pra poder trazer o de comer. Ai era muito difícil. Minha infância foi muito difícil. E eu agradeço a Deus por minhas filhas ter a oportunidade que eu não tive de estudar, de ir para um projeto, de participar de várias coisas que não tive oportunidade. Eu fico agradecida a Deus por isso. (Entrevista Manu, abril de 2019).

Recordar a luta de sua mãe, em um trabalho doméstico e em outra casa que não a sua, faz Manu valorizar o fato de hoje estar perto de suas filhas e de ter seu próprio espaço. O sofrimento de sua infância é revelado no diálogo com suas filhas como algo que foi difícil, que passou, mas mostra que hoje, ainda que haja dificuldade, as coisas são melhores. A realidade da mãe de Manu é ainda vivenciada por muitas mulheres, que não tendo trabalho que lhes garantam estar próximas de seus filhos fazem com que elas cuidem de outras crias enquanto as suas são criadas "pelo mundo". Manu deixou isso muito claro em seu relato.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

Sobre sua vida na Praça e na batalha, apenas a filha mais velha sabe, uma das filhas é criada por outra pessoa, a terceira filha tem 06 anos e o caçula tem 05 meses.

> Só quem sabe é A. Alguém contou pra ela, mas eu contaria sim, que era aquilo que fazia pra ajudar ela. Ela ter uma vida melhor, não passar fome como eu já passei, não ver os outros com uma coisa, ela querer e não ter pra comprar. Eu não tenho vergonha de dizer pra elas que eu já fiz isso não. Que isso pra mim é um trabalho digno, não tava roubando, nunca gostei de roubar ninguém. Acho que é por isso que tô viva, eu tinha medo de sair e alguém me matar e eu deixar minhas filhas... Ela nem comenta nada. Mas ela sabe que eu já fiz, que eu ficava na praça, vou pra praça porque eu gosto de ir pra praça conversar com minhas amigas, que eu tenho amigas ali, vou sento e deixo ela lá na praça brincando, Não tenho esse negócio: porque tem mãe que já fez programa e a filha não vai passar aqui. Eu não tenho isso comigo não. Aquilo ali é a realidade da vida. (Entrevista Manu, abril de 2019).

"Aquilo ali é a realidade da vida". A Praça. A batalha. O lugar do trabalho e da existência. A Praça e seu significado de ser o lugar onde Manu se encontra com as amigas para conversar, o lugar de onde tirou o sustento de suas filhas e filho, ali é a realidade da vida. Sua filha deve saber disso.

Quarta Cena: Puta Mãe e Filha da Puta

"Eu sei o que sou, eu trago o sentido real do que é ser filha da Puta"

(Leila Barreto, filha de Lourdes Barreto)

O diálogo e contato com o Movimento de Prostitutas foi através da Associação das Prostitutas da Bahia, e em seguida das Associações e representações das Trabalhadoras Sexuais no Nordeste brasileiro. A aproximação de início se estabeleceu a partir da Praça da Sé, Centro Histórico de Salvador, o lugar da rua, lugar onde já encontrava as mulheres que têm se denominado como mulheres da *batalha*. A aproximação foi se fortalecendo de modo que pude aos poucos reconhecer estes outros lugares de fala: o lugar das mulheres que se reconhecem como trabalhadoras sexuais, profissionais do sexo, putas. Estes lugares são marcados pela autonomia assumida por estas mulheres, pelo engajamento político e pela luta dos direitos da categoria.

Estar em contato e participando das ações desenvolvidas pelo Movimento de Putas[4] foi possibilitando perceber as discussões e embates que têm sido levantados e discutidos pelo Movimento. A pauta da violação de direitos, por exemplo, arduamente colocada à sociedade brasileira pelo movimento organizado de prostitutas definiu e constituiu avanços dos direitos dos sujeitos envolvidos no trabalho sexual.

[4] A partir da experiência de campo, escutei por diversas vezes, Fátima Medeiros (coordenadora da APROSBA) denominar o Movimento de Profissionais do Sexo no Brasil de Movimentos de Putas, referindo-se ao modo como Gabriela Leite afirmava ser a melhor nomenclatura para nomear a categoria e significar a luta. É possível perceber ao longo do texto uma diversidade de modos pelos quais me refiro às mulheres e ao movimento. Tento trazer à tona a diversidade percebida em campo, a partir das falas das próprias lideranças do Movimento. Neste momento, vou me referir ao mesmo como Movimento de Putas assumindo, portanto, a categoria utilizada por Fátima Medeiros.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

A partir da participação de eventos articulados e coordenados pelo Movimento de Putas pude aos poucos compreender o significado de suas lutas e o quanto afirmarem-se como *Puta* significa o protagonismo assumido por elas enquanto mulheres, Trabalhadoras Sexuais, mães, cidadãs. Neste processo diversos temas foram sendo trazidos e discutidos de variadas formas e a partir de diversos posicionamentos. Dentro do próprio Movimento as questões levantadas são discutidas a partir de lugares distintos, o que acaba configurando em um mosaico composto por peças com cores e formas diferentes, mas que integram o quadro que expressa a luta do Movimento de Putas pelo reconhecimento da categoria no que tange aos direitos.

Enquanto pesquisadora, a aproximação do Movimento me fez pensar e repensar meu tema de pesquisa, refazendo meus questionamentos, descobrindo outras possibilidades. Uma situação interessante foi quando, por ocasião do evento *Mulher Dama*, coordenado por Silvana Olivieri[5] e com a parceria da APROSBA, pude escutar o relato da trajetória de vida de Lourdes Barreto, coordenadora e fundadora do Grupo de Mulheres Prostitutas do Estado do Pará (GEMPAC) e Diana Soares (coordenadora da Associação de Prostitutas do Rio Grande do Norte).

Nesta ocasião se encontravam presentes no evento: Leila Barreto (filha de Lourdes Barreto) e Carolina Medeiros (Filha de Fátima Medeiros). Após a fala de Lourdes Barreto, de alguns comentários e intervenções de pessoas presentes no evento Leila faz a seguinte fala:

> ...várias vezes quando estou sentada e vendo mamãe falar dá vontade de chorar porque eu vejo a dedicação da vida dela neste processo e ainda vejo que a gente vai ter que fazer muita coisa. Sei que eu não verei o que Gabriela sonhou... Que a gente pare com tanta hipocrisia, que a gente possa ser feliz e compreender os caminhos e a autonomia de cada uma de nós. E é muita gratidão a cada uma de vocês que tiveram coragem de estar aqui, de estar compartilhando. Que vocês possam levar, não é um bicho de sete cabeças, **nós existimos**, não é uma ofensa você me chamar de filha da puta contando que você respeite minha mãe tá tudo resolvido. Eu sei o que eu sou, eu trago o sentido real do que é ser filha da puta....

Naquele momento percebi que as perguntas que trazia no bojo da pesquisa e me inquietavam estavam corporificados na fala de Leila Barreto. Um arrepio, literalmente tomou conta de mim e no fundo ela tinha toda razão e de certo modo expressava o que eu ainda não podia nomear. Quando escrevia o projeto e abordava a temática da formação/ educação/ socialização/ cuidado dos filhos e filhas das prostitutas no fundo meu desejo era compreender como estas mulheres, no âmago de todos os enfrentamentos, preconceitos e hipocrisias davam conta deste processo educativo de seus filhos filhas.

A fala de Leila, entretanto, trouxe de modo muito lúcido a problemática da infância, pois expressa uma **vivência real**, ou seja, o que significa ser filha da puta. Naquele momento, comecei a

[5] Curadora da mostra: "Mulher Dama" que reuniu imagens de um ensaio fotográfico inédito de Flávio Damm, sobre prostitutas de Salvador.

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

entender que não se tratava apenas de pensar nas crianças do tempo presente, mas das crianças que um dia, as adultas que hoje são, foram, e além de tudo refletir junto às Trabalhadoras Sexuais sobre como em suas trajetórias e de seus filhos e filhas foram se formando: quem educou? Quem participou da socialização das crianças? Quem cuidou? Quem dividiu? Quando ela cuidava do/a filho/a? Quais os enfrentamentos foram sendo travados, visto que ser uma Puta Mãe ou ainda ser Filha da Puta tem sido pautado em nossa sociedade como uma representação estigmatizada e ofensiva?

Durante o evento, em diferentes momentos a pergunta retornou: "*Cadê meus irmãos? Cadê os outros filhos da Puta?"* estas perguntas, de certo modo, trazem as discussões acerca do processo de invisibilidade/visibilidade da categoria das trabalhadoras sexuais, das identidades negociadas, dos processos de estigmatização e preconceitos historicamente construídos sobre as mulheres que exercem a prostituição como trabalho.

O termo puta apresenta muitos significados de modo que, Brasil (2012), citando Dolores Juliano (2010), diz que a palavra "puta" não se limita somente às prostitutas, antes ela faz parte de um insulto para se referir a qualquer mulher que viole as normas estabelecidas, tanto no campo da sexualidade quanto em outras dimensões. "Puta" tem sido considerada o principal insulto para uma mulher e filho da puta para o homem.

Desde os anos 1980, o movimento de prostitutas tem levantado bandeiras de luta e defendido o direito das Trabalhadoras Sexuais, a legitimidade política e social dos clientes e o direito de decidir sobre as estratégias de resistência para superar a exploração. Desse modo, a prostituição é cada vez mais entendida como um fenômeno complexo e multifacetado do qual diversos fatores e dimensões estão relacionadas e imbricadas. Neste sentido, a prostituição é entendida como uma prática social complexa, atravessada e perpassada pela economia, cultura, política, sexualidade, moralidade, relações de gênero, não se esgotando, no entanto, nestes elementos, mas ultrapassando e recriando modos, interações e relações.

Historicamente, desde 1975, mais precisamente no dia 02 de junho, atualmente comemorado como dia Internacional das Prostitutas, as prostitutas reivindicam seus direitos. No contexto nacional e internacional, da década de 1970, prostitutas se rebelavam contra o seu lugar na sociedade, tão fortemente marcado por preconceito, discriminação e, em como consequência destes, pela violência. Na França, 150 prostitutas ocuparam uma igreja na cidade de Lyon em protesto contra o preconceito, discriminação e repressão policial. Em 1979, no Brasil, temos o marco inicial de visibilidade do processo de organização das mulheres que tem como atividade a prostituição e passam a se denominar de profissionais do sexo. Gabriela Leite é sem dúvida, a figura que representa a liderança do movimento que vai aos poucos se fortalecendo enquanto categoria. Com a

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

colaboração de Lourdes Barreto em 1986, elas começam a organizar um evento em âmbito nacional com o intuito de fortalecer o movimento e as diversas iniciativas que vão surgindo pelo país.

> As prostitutas consideram que a definição da prostituição, como trabalho sexual, é condição *sine qua non* para que as trabalhadoras sexuais gozem de seus direitos humanos e laborais. Portanto, esse posicionamento cada vez mais desfaz a ideia de escravidão sexual (prostituição forçada). A transação comercial entre a trabalhadora sexual e seu cliente não está caracterizado como uma relação laboral. O cliente não é um empregador, mas um consumidor, e a relação que se estabelece está limitada por condições de tempo e espaço. Em situações consideradas normais, o consentimento sempre está sendo negociado. Apenas quando a capacidade de negociação não é livre é que estamos diante de um caso de escravidão. A ideia de trabalho sexual está intimamente ligada com as lutas pelo reconhecimento do trabalho feminino, pelos direitos humanos básicos e por condições de trabalho justas (Brasil, 2012, pp. 30-31).

Ser uma Puta Mãe ou ser uma Filha da Puta, trazendo no corpo, o que Leila denomina de vivência real, coloca em evidência temática que têm sido discutidas no campo dos estudos sobre prostituição: as identidades negociadas, o estigma, maternidade, trabalho. No entanto, a fala real, de uma Filha da Puta escancara no mais profundo que possa significar trazer para centro da discussão, o que implica em ser de fato uma Filha da Puta. Historicamente, chamar alguém de filho ou filha da Puta tem sido visto como uma ofensa, no entanto, a partir da escuta das trajetórias destas mulheres: mãe e filha são atravessadas pelo contexto da prostituição, percebemos que esta experiência de estigmatização marca não somente a mãe Puta, mas também seus filhos e filhas. No caso de Leila, ser nomeada de filha da Puta não é ofensa desde que sua mãe seja respeitada, e aqui um processo educativo e formativo foi sendo vivenciado ao longo de sua trajetória de Filha da Puta. No entanto, a pergunta que fica é:como os outros irmãos e irmãs, os outros filhos e filhas da Puta têm se formado neste processo e particularmente em uma sociedade marcadamente preconceituosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscou-se compartilhar algumas inquietações, perguntas e saberes gestado ao longo dos últimos anos sobre a vida, maternidade, realidade, filiação, saberes das trabalhadoras sexuais. Os estudos citados ao longo do texto e os dados elencados, resultados da pesquisa de doutoramento revelam a possibilidade de encontros afetivos de mulheres em busca de um mundo mais humanizado e diverso.

A Puta Mãe e a Filha da Puta desvelam cenas, corpos e cotidianos de vidas por vezes invisibilizadas. Quem são os filhos e filhas das Putas? Quem verdadeiramente carrega o sentido real de ser filha da Puta? Quantas questões, perguntas e inquietações nos trazem as famílias das Putas. De um lado anunciam as particularidades e semelhanças com tantas formas de ser e construir família, de outro lado, denunciam os silenciamentos, acordos, apagamentos que são submetidas

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

diante do fato: prostituição. Negar ou assumir o trabalho sexual está muito relacionado aos processos de estigmatização e violências do que propriamente ao reconhecimento. As trabalhadoras sexuais têm nos mostrado seu protagonismo e agenciamento ao longo dos últimos anos e revelado que trabalho sexual é trabalho, e sim, é trabalho digno, e também está sujeito a muitas situações opressoras como todas outras formas de trabalho. O seu trabalho digno tem possibilitado que estas mulheres cuidem de seus filhos e filhas, e busquem as melhores formas garantia da vida, em todas as dimensões.

Ao longo do texto foi apresentada algumas cenas que reverberam o lugar de encontro da pesquisado com a sujeitas interlocutoras do estudo e alguns resultados da pesquisa e destes encontros afetivos. Os resultados apontaram que as famílias das trabalhadoras sexuais, as famílias de Putas, não se diferenciam em termos de organização dos outros modelos de famílias. Entretanto, a convivência com mães trabalhadoras sexuais constrói sujeitos com olhares diversificados e abertos às questões apresentadas pelo Movimento de Trabalhadoras Sexuais. Por outro lado, o processo de organização e colaboração das trabalhadoras sexuais preconiza uma forma de cuidado pautada na solidariedade, rede que se apoia e organização coletiva no processo de socialização e educação dos filhos e filhas: a roda colaborativa é uma expressão de como as redes de afeto contribuem no "corre" das mães que também são Putas.

Encerro este artigo apontando por meio da poesia às reverberações deste puta encontro:

E assim,
Estremecendo por inteiro
Puta Vida
Puta Mãe
Puta Puta
Puta Pesquisadora
Remexida
Lavada
Vida louca
Mulher que se reconhece
E Saí debaixo da mesa
Desacostumada
Puta
Puta
Liberdade
Anúncio
Grito
Puta Puta
Puta Mãe
Filha da Puta

REFERÊNCIAS

Revista Macambira, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, Jan.-Dez., 2024
ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

BRASIL, Danielle Marinho. A prostituição feminina e associação de prostitutas da Paraíba: Movimento Social, luta política e reivindicação de direitos. 113 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Jurídicas) - Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2012.

JULIANO, Dolores. El cuerpo fluido. Una visión desde la antropologia. **Quaderns de Psicologia**, v. 12, n. 2, 149-160, 2010. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/quapsi/quapsi_a2010v12n2/quapsi_a2010v12n2p149.pdf. Acesso em: 24 de junho de 2024.

OLIVAR, José Miguel. Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. **Tese** (Doutorado Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre, 2010.

CABRAL, João de Pina; LIMA, Antónia Pedroso de**.** Como fazer uma história da família: um exercício de contextualização social. **Etnográfica**, v. 9, n. 2, 2005, p. 355-388. DOI: https://doi.org/10.4000/etnografica.2975.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. Campinas: **Cadernos Pagu**, v.25, p. 7-23, jul/dez 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200001.

SILVA, Fernanda Priscila Alves da. Mulheres pobres em circulação: Aprendizados e Saberes construídos na batalha nas ruas de Salvador. 2017. 215 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação e Contemporaneidade). Departamento de educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia.

SILVA, Fernanda Priscila Alves da. **Fazer o corre e ter o pão de cada dia**: participação política, dinâmicas de socialização e educação.2021. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade). Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

SOUSA, Fabiana Rodrigues. A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. **Tese** (Doutorado em Educação). Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2012.

ISSN: 2594-4754 | **DOI:** https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

Revista Macambira

Informações do Artigo	Article Information
Recebido em: 16/06/2024 **Aceito em**: 28/06/2024 **Publicado em**: 30/09/2024	**Received on**: 06/16/2024 **Accepted in**: 06/28/2024 **Published on**: 09/30/2024
Conflitos de Interesse O autor declara não haver nenhum conflito de interesse de ordem pessoal, comercial, acadêmico, político e financeiro referente a este manuscrito.	**Interest conflicts** The author declare that there is no personal, commercial, academic, political or financial conflict of interest regarding this manuscript.
Como Citar este artigo - ABNT DA SILVA, Fernanda Priscila Alves. Putas mães e filhas da puta: conversações sobre afetos, cuidado e educação. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, jan./dez., 2023. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.	**How to cite this article - ABNT** DA SILVA, Fernanda Priscila Alves. Whore mothers and daughters of bitches: conversations about affection, care and education. **Revista Macambira**, Serrinha (BA), v. 8, n. 1, e081028, jan./dez., 2023. https://doi.org/10.35642/rm.v8i1.1410.

Licença de Uso	Use license
A Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, mesmo que comercialmente, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.	The Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License (CC BY 4.0). This license allows sharing, copying, redistributing the manuscript in any médium or format. In addition, it allows adapting, remixing, transforming and building on the material, even commercially, as long as due credit for authorship and initial publication in this journal is attributed.